

Índice

A Sócia	7
A Parteira	35
O Mergulhador	71
O Espião	109

A Sósia

A dada altura, na sua carreira, o artista G, talvez por não arranjar outra maneira de fazer sentido do tempo e do lugar que ocupava na história, começou a pintar as coisas de pernas para o ar. À primeira vista, parecia que os quadros tinham sido pendurados ao contrário por engano, mas a assinatura no canto inferior direito anunciava inequivocamente o advento de uma nova realidade. Achando que, com este novo desenvolvimento, G, sem querer, exprimia qualquer coisa perturbadora sobre a condição feminina, a sua mulher perguntou-se se isto teria repercussões no seu sucesso. A receção crítica a estes quadros invertidos, contudo, foi mais entusiástica do que nunca, e, quase independentemente do que G fizesse, as pessoas pareciam dispostas a prodigalizar-lhe uma nova ronda de prémios e homenagens.

Eles viviam numa região florestal, a alguma distância da cidade, porque, não obstante tal aprovação pública, G estava zangado e magoado com o mundo, e não conseguia obrigar-se a perdoá-lo. A fase inicial da sua obra fora alvo de duras críticas e, apesar de as pessoas lhe afiançarem que esta capacidade de chocar era a prova mais segura do seu talento, G não recuperara destes ataques. Tinha o género de força que, em vez de resistir às tentativas de o envenenarem e destruírem, as absorvia, engolindo o veneno e sendo alterado por ele, o que tornava a sua sobrevivência não uma história de mera resiliência, mas sim uma espécie de crucificação lenta, com o objetivo de obrigar o mundo a arrepende-se do que

lhe tinha feito. Graças às florestas, G encontrara uma saída do impasse artístico em que dera por si, quando se sentira aprisionado entre a natureza anedótica da representação e o distanciamento relativamente à abstração. Passara muito tempo a observar as atividades dos guardas-florestais da zona e, sempre que assistia ao derrube de uma árvore, matutava na questão da verticalidade. Primeiro, pintara os homens e as árvores numa espécie de existência conjunta, em que os troncos eram intercambiáveis com os corpos. Depois percebera que também os corpos podiam ser derribados, decepados das suas próprias raízes e virados de lado ou seccionados. A noção de inversão acabou por se impor como meio para resolver esta violência e recuperar o princípio de integridade, de modo que o mundo voltou a ficar intacto, mas de pernas para o ar, e, portanto, livre dos constrangimentos da realidade.

Quando a mulher de G viu os quadros ao contrário pela primeira vez, sentiu que lhe tinham batido. Reconheceu, com toda a intensidade, a sensação de tudo parecer certo, ao mesmo tempo que estava profundamente errado: era a sua condição, a condição do seu sexo. Estes quadros deixavam-na infeliz; ou melhor, obrigavam-na a reconhecer a existência de uma infelicidade que parecia ter estado sempre dentro dela. G pintara um quadro que lhe agradou em particular, com graciosas bétulas ao sol, e a calma e inocência demenciais destas árvores invertidas pareciam sugerir a possibilidade de a loucura ser uma espécie de refúgio. Como teria ele compreendido a infelicidade feminina por nomear que existia dentro dela, tornando a loucura uma tentação tão forte? Não podiam acusar G de exploração, ao contrário de outros artistas que conheciam: não sofria da cega arrogância masculina, tão-pouco alguma vez tomara liberdades que o valor público do seu olhar pudesse parecer legitimar. G tinha-lhe contado que, antes de a conhecer, se masturbava muito. Estaria ele, na verdade, a reivindicar esta perspetiva marginal para si mesmo? Nesse caso, para a reivindicar, teria sido necessário pôr de lado a sua masculinidade, ainda que temporariamente. Abordara obliquamente o marginal, como se de modo lateral, participando nos seus desempoderamentos e na sua identidade muda e fragmentada, mas conseguindo dar-lhe voz.

Os quadros iniciais eram retratos de grande dimensão, com um estilo fluido e algo ingénuo, de indivíduos reconhecíveis da região e do seu círculo de conhecidos. Eram simples e formais, como se fossem uma tomada de posição de G sobre a sua própria autenticidade, no preciso momento em que virava o mundo de pernas para o ar. Porque estavam estas pessoas de pernas para o ar? Era a única pergunta que se podia fazer e, no entanto, a resposta parecia tão óbvia, que se diria que mesmo uma criança saberia responder; por isso, os quadros lançavam luz sobre um conhecimento que o observador já possuía. G começou a pintar paisagens amplas e complexas, em que a natureza parecia estar no apogeu, como que a exprimir a sua capacidade de recuperar da violência humana, a sua vigília durante sucessivas madrugadas para perenemente reemergir em direção à luz. Banhava-se numa plenitude moral sem palavras, inocente, e sem consciência da total inversão que tinha sofrido, e esta qualidade de inocência, ou ignorância, desligava completamente o valor representacional do quadro do que este parecia representar.

A questão sobre se G pintaria realmente um mundo invertido, ou se se teria limitado a virar os quadros de pernas para o ar, assinando-os depois de os terminar, foi tratada com um silêncio curioso. A primeira hipótese representaria um enorme desafio técnico; a segunda seria mais uma piada absurdista, suscetível de desvalorização numa questão de minutos. Contudo, nunca interrogaram G publicamente sobre este assunto, tão-pouco mencionaram esta questão nos numerosos textos críticos sobre este desenvolvimento radical na sua obra. Às vezes, em privado, as pessoas faziam perguntas à mulher de G, como se, com ela, se sentissem enfim à vontade para correrem o risco de parecer estúpidas. Nestes momentos, ela sentia que o seu papel de repositório de fraquezas se consolidara. Não reagia com ressentimento, já que deste modo se aprendia muito mais; ainda assim, o facto de tão tremenda confusão em torno da verdade continuar velada por um mutismo tácito mostrou-lhe uma coisa, que não era só sobre arte. Presentiu que tudo o que era nobre acabava por ser assim destruído. G teria concordado de alma e coração; aliás, ela repa-

rou que, de moto próprio, ele começou a falar abertamente sobre esta técnica, explicando que as dificuldades da pintura invertida só se resolviam recorrendo às fotografias. Mais tarde, G rejeitou o *medium* fotográfico e as pinturas tornaram-se ainda maiores, mais oníricas e abstratas. De qualquer modo, nunca parecera tão impossível responder à pergunta sobre o que um ser humano realmente é. G pintava muitas vezes um homem encolhido na cama, sozinho, no vazio oceânico e sujo dos lençóis, situando este pequeno ser atormentado algures no topo da estrutura.

G achava que as mulheres não podiam ser artistas. A mulher de G sabia que a maioria das pessoas pensava assim, mas era lamentável que fosse ele a dar voz a esta percepção. Perguntou a si mesma se ele teria chegado a esta conclusão por causa da lealdade incansável que ela lhe demonstrava, ou devido à sua presença constante ao lado dele. Sem ela, G poderia ser artista, mas não seria um homem a sério. Não teria filhos nem lar; faltar-lhe-iam as condições para a inconsciência da criação, ou então estas seriam rapidamente destruídas por tal inconsciência. Por isso, parecia-lhe que o que ele na verdade estava a dizer era que as mulheres não podiam ser artistas se os homens quisessem ser. Uma vez, foi ao estúdio dele, por altura da visita de uma romancista; esta, quando vira os quadros invertidos, fora como que fulminada por um raio, uma reação muito semelhante à da própria mulher de G. Tenho de escrever com as palavras de pernas para o ar, exclamou a mulher, com grande emoção. Claro que G achou esta afirmação grotesca, mas a mulher dele sentiu uma discreta satisfação, por achar que esta realidade que G elucidara com tanto brilhantismo, idêntica à outra realidade em todos os pormenores, exceto na completa inversão da sua força moral, era a coisa mais próxima que conhecia do mistério e da tragédia do seu próprio sexo. Tinha havido um toque de queixa — de injustiça, talvez — no tom da romancista, como se naquele momento tivesse percebido que alguém se apropriara de algo que lhe pertencia. G não era o primeiro homem a descrever as mulheres melhor do que as mulheres pareciam capazes de o fazer.

A proprietária do apartamento pediu-nos para sair, por subitamente ter sentido vontade de voltar a viver ali. Era impreterível satisfazer este desejo sem mais delongas — apesar de não termos para onde ir, tivemos de sair imediatamente. Morávamos ali há mais de um ano: as paredes do apartamento tinham-nos acolhido e transmitido segurança quando nos mudáramos para esta cidade estrangeira. Sentíamos-nos protegidos lá no alto, no andar de cima, de onde podíamos abrir as janelas e olhar para a rua, em baixo, sem sermos vistos. Depois de nos irmos embora, a senhora ligava-nos às vezes, inesperadamente, para saber como passávamos. Fazia questão de falar num tom descontraído e simpático, mas o próprio ato de telefonar mostrava que se sentia culpada.

Nesse apartamento, havia um espelho dourado, com ornamentos complexos, tão grande, que refletia o observador não enquanto centro da imagem, mas como elemento de um panorama maior. Olhar para o espelho era ser visto em comparação com as outras coisas. Perder o espelho foi como perder uma bússola ou um ponto de referência na navegação. Era surpreendente com que profundidade transmitia uma sensação de orientação. Às vezes, uma pequena mudança derruba uma estrutura maior, e foi isso que aconteceu no apartamento daquela senhora. Depois de nos irmos embora, houve uma série de acontecimentos cujas raízes, quando as desenterrávamos, geralmente recuavam até ali. Contaram-nos que a senhora tinha acabado por não ficar muito tempo lá. O apartamento desiludira-a de algum modo; por esse motivo, ela voltara à casa onde morava antes, deixando-o desocupado. Talvez a imagem da vida que tivera ali a tivesse afastado da nova vida que criara noutro lado. Quando, porém, voltou a instalar-se no apartamento, este não continha a vida antiga. A vida antiga transformara-se na nova vida que já levava.

Durante várias semanas, ficámos aqui e ali, sem desfazermos as malas. Não tínhamos nascido naquela cidade, nem naquele país, tão-pouco naquela língua: o apartamento da senhora fora como um barco, mas tinham-nos lançado ao mar. A proprietária deixara os seus objetos no apartamento, e viver entre as coisas dela, diferentes daquelas que eu teria escolhido para mim, transmitia-me

uma profunda sensação de segurança. Reconfortavam-me não só a libertação dos meus próprios gostos e preferências, mas também a imersão na sensibilidade de outra pessoa. Nem sequer precisava de perguntar a mim mesma por que razão era tão agradável viver num mundo criado por outra pessoa. A mesma rendição, no entanto, tornou-se cada vez mais perturbadora nos sítios onde estivemos a seguir. Ainda passámos algum tempo num pequeno apartamento vazio em que ouvíamos os passos da pessoa que morava por cima, a andar incessantemente de um lado para outro, muito depressa, durante todas as horas da noite; o desassossego deste desconhecido invisível atraiu-me a ponto de se confundir com o meu próprio desassossego — recalcado durante o ano anterior. O único espelho era um retângulo por cima do lavatório da casa de banho, e a porta da frente tinha várias fechaduras de aço pesadas, como se o conceito de individualidade se tivesse tornado, ao mesmo tempo, mais limitado e mais ameaçado.

Ali perto, havia um parque com uma cerejeira impressionante. Os seus ramos gigantescos eram tão pesados e ancestrais que se apoiavam no chão em redor. Perante o sol inesperado da primavera prematura, a árvore desabrochava, dando à luz uma surpreendente espuma de flores brancas, como uma vaga enorme a rebentar. As flores formavam um véu nupcial em redor do tronco, que as brisas faziam ondular e serpentear. Era um véu tão amplo que criava uma espécie de abrigo, como uma tenda em torno do enorme tronco nodoso. Eu pensava muitas vezes na casa que tínhamos deixado, a nossa casa, abandonada por nossa própria iniciativa.

Mudámo-nos para outro apartamento temporário, e mais outro, a seguir. Passámos umas noites num sítio com uma caldeira que não funcionava, onde não podíamos tirar o casaco. Do céu, jorravam chuva e fiapos de neve gélidos, numa reposição do inverno. Pensei na cerejeira do parque, que tinha desabrochado tão cedo. Nas ruas, havia pessoas que dormiam encolhidas nas entradas, ou debaixo das pontes e passagens pedonais, às vezes dentro de tendas montadas no passeio. Toda a gente passava por elas — quais recriminações contra a subjetividade — com visível indiferença.

Nós próprios, forasteiros, num limbo que tínhamos escolhido, talvez sentíssemos esta condenação de modo diferente. No nosso país, também havia pessoas que dormiam nas entradas: aqui demorávamos mais a esquecê-las.

Andámos de casa em casa, até a primavera regressar definitivamente, as árvores recuperarem a folhagem e as ruas ganharem vida outra vez. Percorrendo a cidade sob a luz feroz e fresca do sol, o elemento de liberdade no nosso desenraizamento fazia-se sentir intermitentemente. Tínhamos finalmente encontrado um sítio para viver, um apartamento só nosso, disponível dentro de poucas semanas. Com este porto seguro no horizonte, o que sentíamos realmente — já com o peso da experiência — tornou-se mais evidente. Tinham-nos roubado uma certa frescura — uma inocência, ou ignorância apenas, talvez. Imagináramos uma vida ali, naquela cidade, esforçando-nos por concretizar esse projeto, mas, durante esse processo, o papel da imaginação tornou-se particularmente ambíguo, parecendo revelar à própria realidade qualquer coisa que ainda não sabíamos sobre a nossa relação. Este outro negativo da imaginação relampejava à nossa frente de vez em quando, nos períodos em que não conseguíamos ligar as coisas entre si e em que a falta de lógica ou sequência se tornava perceptível na concretização dos nossos planos.

Uma manhã, quando percorria uma rua sossegada, com esplanadas onde as pessoas tomavam café ao sol, fui atacada — com uma pancada forte na cabeça. A atacante era uma mulher, transtornada pela loucura ou pela dependência de drogas; o facto de ser mulher gerou dificuldades tanto na descrição posterior do que acontecera, como na minha própria reação. Não prestei atenção à sua aproximação, tão-pouco me preparei para a pancada, que me deixou a sangrar, de gatas, na estrada, sem perceber o que se tinha passado. Juntou-se imediatamente uma multidão: as pessoas levantaram-se das mesas, a gritar e gesticular. A mulher aproveitou este pandemónio para se esgueirar. Os espectadores apontaram para ela: tinha parado na esquina e voltara-se para trás, como uma artista recuando para admirar a sua obra. Depois agitou o punho no ar e desapareceu.